

A large, dark silhouette of an elephant's head and trunk, facing right, serves as the background for the text. The trunk is thick and tapers slightly towards the tip. The head is rounded with a small ear visible on the left side.

DANDO NOME AO ELEFANTE
COSMOVISÃO COMO UM CONCEITO

JAMES W. SIRE

AUTOR DE “O UNIVERSO AO LADO”

DANDO NOME AO ELEFANTE

cosmovisão como um conceito

Um companheiro para
O Universo ao Lado

JAMES W. SIRE

Publicado originalmente em inglês sob o título
Naming the Elephant: Worldview as a Concept
pela InterVarsity Press,
Downers Grove, IL, 60515, EUA.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA MONERGISMO

Caixa Postal 2416
Brasília, DF, Brasil - CEP 70.842-970
Telefone: (61) 8116-7481
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2012
1000 exemplares

Tradução: Paulo Zacharias e Marcelo Herberts
Revisão: Felipe Sabino e Marcelo Herberts
Capa: Raniere Maciel Menezes



PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia da
Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (ACF), ©1994,
1995, 1996, 1997. Novo Testamento ©1979-1997, salvo
indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sire, James W.

Dando Nome ao Elefante / James W. Sire, tradução Paulo Zacharias e Marcelo Herberts –
Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

Título original: *Naming the Elephant: Worldview As a Concept*
ISBN 978-85-62478-56-7

1. Filosofia. I. Título

Para
Donald B. Clark
(*in memoriam*)
e
Arthur F. Holmes

Sumário

AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

PREFÁCIO

1. CAMELO, CANGURU E ELEFANTE

2. DEFINIÇÕES DE COSMOVISÃO: DE DILTHEY A NAUGLE

3. PRIMEIRO AS PRIMEIRAS COISAS: SER OU SABER

4. CARNE E OSSO: TEÓRICO E PRÉ-TEÓRICO

5. SISTEMA RACIONAL, MODO DE VIDA E ESTÓRIA-MESTRE

6. COSMOVISÕES: PÚBLICA E PRIVADA

7. COSMOVISÃO: UMA DEFINIÇÃO REFINADA

8. PESSOAS INTELIGENTES QUE SE DEFRONTAM DE DIA: COSMOVISÕES COMO UMA

FERRAMENTA DE ANÁLISE

AGRADECIMENTOS

Sou grato a uma série de pessoas, muitas das quais jamais pude conhecer pessoalmente, mas cujos escritos e inspiração têm encorajado e mantido o meu interesse em cosmovisões por já quase cinquenta anos. Dessas que conheço, a primeira é Donald B. Clark, então professor de inglês na Universidade de Missouri, que numa aula de literatura do século XVII me introduziu ao pensamento sobre cosmovisão. A segunda é Arthur F. Holmes, cujos comentários muitos anos atrás num ensaio encorajando estudantes a estudar filosofia me incentivaram a continuar o meu próprio estudo. Nunca cheguei a ser um de seus estudantes, e provavelmente ele não se lembrará desse primeiro de meus muitos encontros com ele e seus livros; mas agrada-me reconhecer a sua influência sobre mim e muitos outros como filósofo de cosmovisão.

David Naugle é indubitavelmente a pessoa sem quem este livro jamais teria começado. Sua história magistral do conceito de *cosmovisão* e seu próprio delineamento do caráter da cosmovisão cristã têm fornecido muitos dos grãos mais recentes para o meu próprio moinho. Obrigado, David!

Também, de modo diferente, sou muito grato a Sixia Lu por comprovar a mim que jovens estudantes podem pensar em termos de cosmovisão e comunicar seus pensamentos com paixão e sensibilidade para as nuances. Seu ensaio sobre cosmovisão, escrito como exercício acadêmico, é uma pequena joia que sou grato de poder compartilhar mais amplamente.

Agradecimentos vão também aos leitores do manuscrito, quando gradualmente ia se desenvolvendo: Richard Middleton, George Guthrie, Douglas Groothuis, Gary Deddo e, mais uma vez, Arthur F. Holmes. Estas pessoas não só me impediram de cometer alguns erros bastante embaraçosos, mas também fizeram sugestões que exigiram mais reflexão e pesquisa substanciais.

Finalmente, quero agradecer a Ruth Goring, que deu brilho à minha prosa, e a meu editor e amigo de longa data James Hoover, que, tendo melhorado a minha obra, ganhou meu respeito e minha admiração.

Agora, com tudo isso, eu poderia culpar várias pessoas pelas falhas neste livro. Infelizmente, dita a convenção que só devo dar crédito pelas coisas boas e sofrer as consequências por todas as coisas ruins. E é o que faço.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Em tempos recentes um grande número de publicações sobre cosmovisão tem ocupado os espaços das prateleiras das livrarias evangélicas e das estantes de cristãos interessados no assunto. A maioria destes livros tem enfocado este tema de maneira aplicada ou comparada. A publicação da presente obra representa um avanço neste seguimento editorial, pois, diferentemente das demais, se ocupa com aquilo que poderíamos chamar de Teoria de Cosmovisão, cujo interesse principal é a análise da estrutura interna de uma cosmovisão pessoal e de seus elementos constitutivos.

“Cosmovisão” é um fenômeno tão antigo quanto a própria existência humana. É a consciência deste fenômeno com a conseqüente teorização deste assunto, por parte dos estudiosos, que é relativamente recente. Realmente, o ser humano é um ser hermenêutico por natureza. Desde a sua criação, antes mesmo da queda no pecado, o homem já funcionava na suma dependência de parâmetros subjetivos e objetivos para interpretar a realidade em suas mais diversas manifestações (natural, moral, social, cultural, etc.). É da nossa natureza sermos assim. A única e significativa diferença é que, em sua condição pré-lapsária, os parâmetros adotados pelo homem eram aqueles oriundos exclusivamente de sua relação de obediência com a Palavra de Deus. O problema surgiu quando, seduzido pela serpente, o homem optou por um parâmetro autônomo em relação à direção orientadora da Palavra e do Espírito de Deus. A partir deste momento, o homem passou a interpretar a realidade de maneira distorcida, atribuindo a diversos aspectos criados significados apóstatas resultantes de sua rebelião contra Deus e sua Palavra.

Uma cosmovisão pessoal constitui-se basicamente de duas dimensões ou matrizes principais e interdependentes. Uma delas é a matriz psíquico-social. Esta compreende todos os pressupostos e percepções que acumulamos ao longo da vida através da interação de nossa estrutura psíquico-cognitiva com a realidade externa, sobretudo a social. A outra dimensão, por sua vez, transcende a dimensão psíquico-social e se caracteriza como centro espiritual e, portanto, fundamentalmente religioso (doxológico) de nosso ser. Esta dimensão fundamental do nosso ser, que a Escritura chama de “coração”, é a instância central e originária de onde partem todos os influxos afetivos, motivacionais e fiduciários que fazem com que nos devotemos ao Deus verdadeiro ou a um ídolo. Estes pressupostos originários, de natureza religiosa, por sua vez,

determinam o que apreendemos em termos de crenças, valores, certezas e ideias, condicionando a maneira como percebemos a realidade e agimos nela, inclusive o desenvolvimento da cultura.

Esta dinâmica de pressupostos, própria de qualquer cosmovisão pessoal, deve ser vista como um processo único e interdependente com níveis de profundidade diferentes, porém complementares. Ou seja, numa cosmovisão pessoal existem pressupostos que vão desde um nível mais profundo, caracterizado por operações pré-discursivas e inconscientes, passando por um nível mais superficial, caracterizado por um processo intuitivo de apreensão da realidade (atitude pré-teórica), até sua expressão sociocultural objetificada e institucionalizada, representada por um nível mais elaborado e abstrato de articulações discursivas (como, por exemplo, a atividade teórica) e pela autoconsciência explícita dos pressupostos que sustentam a nossa visão de mundo. No final das contas, todo sistema teórico (proposta filosófica, teológica, científica, etc.) ao qual aderimos conscientemente, nada mais é que a expressão objetiva, e por vezes institucionalizada (quando legitimada pela sociedade), dos pressupostos tácitos e subjetivos que moldam a nossa visão de mundo pessoal. Portanto, segundo um modelo bíblicamente orientado, os influxos afetivos, fiduciários (compromissos de fé, confiança) e motivacionais, sempre precedem e determinam a constituição e direção dos fatores cognitivos (conceitos, ideias, pensamentos racionalmente articulados, discursividade, etc.). Deixe-me exemplificar: Quando uma criança incorpora em seu horizonte de experiência algumas das percepções de mundo passadas pelos seus pais, formando seu primeiro e mais básico conjunto de conhecimentos, ela sempre o faz a partir dos vínculos profundos de afetividade e confiança que nutre por seus progenitores. Neste caso, os fatores afetivo-fiduciários é que viabilizam o processo cognitivo e não o contrário. O mesmo acontece conosco quando somos levados, pelo Espírito, a Cristo. Num primeiro momento, após a regeneração, quando ocorre a conversão e, porque não dizer, também, durante toda a nossa carreira cristã, nós primeiramente aceitamos a autoridade das verdades reveladas na Bíblia e as abraçamos por meio da fé e do nosso senso de amor a Deus, para só depois nos pormos a conhecer estas mesmas verdades, racionalmente falando (na forma de conceitos doutrinário-teológicos). Portanto, a máxima cartesiana, “penso logo existo” (nossa estrita racionalidade), embora parte integrante do processo, não representa o estágio mais fundamental de nossa cosmovisão. A Escritura, desde tempos remotos, vem apontando para o caráter instrumental da razão diante do direcionamento religioso imposto pelo "coração". À luz da Escritura, então, talvez fosse melhor dizer: "creio, penso e ajo, logo existo". É óbvio que ideias, conceitos e pensamentos também moldam a nossa visão de mundo, pois o

homem é uma unidade integral, e a “via” responsável pela formação e compartilhamento de cosmovisões é de “duas mãos”. Contudo, quando alguém adere a uma ideologia, filosofia ou teoria qualquer, ele o faz, em primeiríssimo lugar, por causa da relação de afinidade tácita destas com os fatores afetivos, fiduciários e motivacionais já presentes em seu íntimo.

É justamente nesta direção que esta obra de Sire nos conduz. Ao refinar sua definição de cosmovisão como sendo “um compromisso, uma orientação fundamental do coração”, Sire amplia e aprofunda sua análise sobre os elementos constitutivos de uma visão de mundo pessoal, atribuindo lugar de importância central às instâncias pré-teóricas e às funções pré-discursivas em sua formação e em seu processo de compartilhamento. Sua redefinição de cosmovisão resgata a importância central que a dimensão ou instância espiritual do nosso ser (o coração) desempenha na maneira como interpretamos a realidade ao nosso redor e na maneira como agimos nela.

Boa parte dos autores que trabalha com o estudo dos elementos constitutivos de uma cosmovisão comumente tende a reduzi-los apenas ao seu aspecto cognitivo-ideológico. O próprio James Sire, nas edições anteriores de sua obra *O Universo ao Lado*, tinha a tendência de pensar desta forma, concebendo *cosmovisão*, primariamente, em termos teórico-ideológicos. Foi justamente a partir desta obra (*Dando Nome ao Elefante*) que Sire passou a redefinir e a aprofundar seu conceito de cosmovisão, afirmando que a mesma era muito mais que um sistema articulado de crenças ou um conjunto de pressupostos teóricos e esquemas conceituais. A demanda por uma análise aprofundada da natureza complexa dos elementos constitutivos de uma cosmovisão e o contato com a excelente historiografia de David Naugle a respeito do conceito de cosmovisão o fez se interessar pela proposta teórica de outros autores cristãos, sobretudo aqueles associados à tradição de pensamento iniciada por Abraham Kuyper e sistematizada por Herman Dooyeweerd, como fica claro em várias partes da presente obra.

O estudo deste assunto, sob esta perspectiva, visa a mostrar que o homem e a sociedade são muito mais do que aquilo que os nossos olhos podem ver; também, que os nossos pressupostos determinam a maneira como conhecemos a realidade e interagimos com ela. E, finalmente, visa a mostrar que o centro e a raiz da nossa cosmovisão pessoal é de caráter fundamentalmente religioso. Ou seja, é a fonte originária de onde procedem aquelas motivações em relação a Deus que determinará, em última instância, a direção de toda a nossa existência.

A Editora Monergismo está de parabéns por brindar o público cristão brasileiro com esta obra tão significativa que representa uma excelente oportunidade de aprofundamento nos estudos sobre cosmovisão a partir de uma

perspectiva bíblicamente orientada.

Fabiano de Almeida Oliveira, Th.M. Ms. Fil.

PREFÁCIO

Durante quase cinquenta anos, tenho buscado pensar em termos de cosmovisão. Foi a análise de cosmovisão que fez a literatura da Idade Média e da Renascença ganhar vida para mim na pós-graduação da Universidade de Missouri. Foi a história das cosmovisões que desenvolveu o esqueleto sobre o qual, como professor, estendi a carne da literatura inglesa. Além disso, desenvolver um conhecimento da minha própria cosmovisão forneceu um modo de orientar não só os meus próprios pensamentos, mas também todo o meu estilo de vida em si. Em resumo, há muito tenho me interessado em detectar os compromissos intelectuais básicos que fazemos como seres humanos — compromissos que são reveladores na sua variedade, deleitantes na profundidade de sua percepção quando apreendem a verdade e desesperançosos por suas consequências desastrosas quando se provam falsos.

A partir desse contexto veio a primeira edição de *O Universo ao Lado*, em 1976. O grosso do livro identificava sete cosmovisões básicas e prosseguia para explicar no que consistiam. Comecei com o teísmo cristão, tal como em sentido amplo ele havia sido incorporado do século XVII ao presente. Em seguida tentei mostrar como o deísmo havia surgido como uma erosão de certos conceitos chave do teísmo. O deísmo, a meu ver, não é tanto uma nova cosmovisão, mas o que resta de teísmo quando a personalidade de Deus é abandonada. O naturalismo, por sua vez, é uma erosão adicional do deísmo, retendo seu otimismo com respeito à autonomia da razão humana. O niilismo é o que resta de naturalismo quando se percebe que a razão humana, se autônoma, não tem todo aquele poder de explicar que inicialmente se supunha.

O existencialismo — tanto ateuista como teísta — procura “ir além do niilismo”, afirmando o poder intrínseco do eu individual sobre a vontade para ser a sua própria concepção do bem, do verdadeiro e do belo, ou para afirmar pela fé o que não pode ser provado pela razão. O monismo panteísta oriental proporciona ao Ocidente um novo começo que tenta evitar as ciladas do pensamento ocidental. O pensamento da Nova Era, por sua vez, combina a exaltação do eu do existencialismo ocidental com a noção oriental da divindade de todas as coisas.

É onde a primeira edição de *O Universo ao Lado* terminava. A segunda edição, em 1988, atualizou o livro. [*] Por volta de 1997 era óbvio que uma nova

guinada no naturalismo tomava lugar, e assim acrescentei um capítulo sobre o fenômeno cultural amorfo chamado *pós-modernismo*. O pós-modernismo deu uma guinada sociológica e psicológica para negar, por um lado, a capacidade humana de realmente conhecer a realidade em sua essência e, por outro, afirmar a adequação das comunidades humanas em construir a realidade através de sua linguagem. Uma pessoa pode não ser capaz de *conhecer* algo, mas pode prosperar com esse conhecimento simplesmente construindo uma linguagem que funcione para a pessoa conseguir o que deseja. Conhecimento pragmático é tudo que se pode ter e tudo de que se precisa.

Ao longo dessa história intelectual, usei uma definição básica e simples de *cosmovisão* que, penso eu, cumpriu seu propósito razoavelmente bem. Em algum lugar, no pano de fundo dessa definição, poderiam ser detectadas sombras de James Orr, Abraham Kuyper e Francis Schaeffer, autores sobre cujo trabalho eu havia me debruçado em anos anteriores. Contudo, em nenhuma das três edições de *O Universo ao Lado* fiz alusão explícita a trabalhos anteriores sobre cosmovisão nem refleti criticamente sobre o próprio conceito de cosmovisão.

Após a publicação da primeira edição de *O Universo ao Lado* em 1976, surgiram comentários ocasionais em resenhas de livros e entre meus amigos sobre a definição de *cosmovisão* que eu havia dado. Assim também, vários livros tratando do assunto de cosmovisão apareceram. Embora oportunamente eu faça referência a outros livros, quatro merecem menção especial. Em 1983, o livro *Contours of a World View* [Contornos de uma Cosmovisão] de Arthur F. Holmes forneceu a discussão mais abrangente sobre cosmovisões de um ponto de vista cristão. Em 1984, editei o livro *The Transforming Vision: Shaping a Christian World View* [A Visão Transformadora: Moldando uma Cosmovisão Cristã] de Brian Walsh e J. Richard Middleton; em certo sentido sua abordagem era diferente da minha. Além disso, em 1989, o conceito foi analisado em *Stained Glass: Worldviews and Social Science* [Vitrail: Cosmovisões e Ciência Social], editado por Paul A. Marshall, Sander Griffioen e Richard Mouw, uma importante coleção de ensaios focando a natureza das cosmovisões por parte de estudiosos há muito engajados em análise cultural e intelectual. Finalmente, em 2002, David Naugle examinou em detalhes toda a história do pensamento de cosmovisão. *Worldview: The History of a Concept* [Cosmovisão: A História de um Conceito] resumiu a literatura a partir de Immanuel Kant e Wilhelm Dilthey, passando por James Orr e Abraham Kuyper até Francis Schaeffer e Arthur Holmes. Em adição, Naugle fez algumas novas e criativas descobertas sobre a natureza das cosmovisões. Sua obra, em especial, foi um importante estímulo para o presente livro.

O principal estímulo, no entanto, é o meu crescente sentimento de

insatisfação pelo modo superficial com que tenho lidado com o conceito de cosmovisão. A definição nas três primeiras edições de *O Universo ao Lado* parece-me agora inadequada. O presente livro tenta corrigir isso ao tratar de uma série de perguntas problemáticas não abordadas por mim antes. Elas são listadas no final do capítulo um.

O momento para repensar o conceito de cosmovisão chegou. Se a análise que se segue está correta, as quatro revisões importantes de minhas definições prévias de cosmovisão estão na ordem correta. A primeira é o reconhecimento que cosmovisão não é só um conjunto de conceitos básicos, mas uma orientação fundamental do coração. A segunda é uma insistência explícita em que na raiz mais profunda de uma cosmovisão está seu compromisso para um entendimento do “realmente real”. A terceira é uma consideração sobre o comportamento na determinação do que consistirá realmente a cosmovisão da própria pessoa ou de terceiros. A quarta é um entendimento mais amplo de como as cosmovisões são compreendidas como estória, não apenas como proposições abstratas.

Mas isso é antecipar o que pretendo defender. Que o repensar comece.

1. CAMELO, CANGURU E ELEFANTE

*Eis o incrível elefante
Cujos nome é sempre relevante
Para o que podemos saber
E aonde podemos ir
E para toda coisa baixa e elevada. ^[*]*

Não sei ao certo onde consegui a estória a seguir, que adaptei muito tempo atrás para as minhas próprias finalidades. Em todo caso, conto-a frequentemente ao tentar ajudar estudantes a entender duas características centrais das cosmovisões: seu caráter *pressuposicional* e suas possíveis respostas à pergunta mais fundacional que podemos fazer.

CAMELO, CANGURU E ELEFANTE

Certo dia um menino veio ao seu pai: “Hoje a professora nos mostrou um imenso globo. Disse que era um modelo do mundo. Também disse que o mundo era rodeado apenas de espaço. Como pode ser isso? O que sustenta o mundo, papai? Por que ele simplesmente não cai?”.

Seu pai, sabendo que era apenas uma pergunta de criança, deu-lhe uma resposta de criança: “É um camelo que sustenta o mundo, filho”.

O garoto foi embora satisfeito, confiando em seu pai; para o momento, aquilo fazia sentido. Afinal, ele já vira fotos de camelos sustentando todo tipo de coisa. Assim, por que não o mundo? Mas então começou a refletir sobre isso e no dia seguinte chegou à conclusão de que algo faltava na resposta de seu pai. E perguntou: “Papai, eu queria apenas saber: se um camelo sustenta o mundo, o que sustenta o camelo?”.

Seu pai percebeu agora que poderia estar em apuros. Assim, sabendo que uma resposta rápida afastaria qualquer outra dúvida, respondeu: “É um canguru que sustenta o camelo”.

Novamente o garoto foi embora, mas desta vez só por algumas horas. De volta com seu pai, perguntou: “Papai, se um camelo sustenta o mundo e um canguru sustenta o camelo, o que sustenta o canguru?”.

Desta vez o pai percebeu que estava em grandes apuros. Assim, escolheu o maior animal que poderia imaginar e foi enfático. Isto é, gritou. *As pessoas acreditam quando você grita*, pensou ele. “É um elefante que sustenta o canguru.”

“Vamos lá, papai!”, replicou seu filho. “O que sustenta o elefante?”

Seu pai, num lampejo de gênio a partir da necessidade, respondeu: “É... é... é... é elefante a perder de vista”.

O que o garoto fala a seguir não está registrado. Mas note duas coisas. O pai foi forçado pela lógica de sua primeira resposta. Se algo é tomado para sustentar o mundo, tem de haver um primeiro sustentador, algo que não requer sustentação — um fundamento primordial. Se o pai deve responder à pergunta de seu filho do modo como ela foi feita, está comprometido a dar um nome ao fundamento final da realidade — isto é, ao que sustenta tudo o que existe.

Segundo, o pai deve reconhecer que não tem nenhuma maneira lógica de parar o regresso. Ele deve tomar outro caminho. Deve simplesmente se comprometer ao mais provável — ao maior animal que ele pode imaginar, o elefante.

A estória ilustra assim duas características de qualquer cosmovisão: seu entendimento da *realidade primordial* e sua natureza *pré-teórica*. A estória deixa isso mais claro assim que o pai leva a pergunta de seu filho mais a sério. [\[1\]](#)

NATURAL E SOBRENATURAL

Nesta estória o pai respeita a curiosidade e a inteligência de seu filho. Assim, quando o filho pergunta “O que sustenta o mundo?”, o pai responde: “A gravidade sustenta o mundo, filho”.

“Ih, papai, o que é isso?”

“A lei da gravidade afirma que a força (F) exercida entre dois corpos (como Terra e Sol) é igual à constante gravitacional (G) multiplicada pelo produto das massas dos dois corpos (m_1, m_2) dividida pelo quadrado da distância (r) entre eles. Deixe-me escrever a fórmula para você:

$$F = Gm_1m_2/r^2$$

“Agora, procure *gravidade* numa enciclopédia. Acho que você entenderá o ponto.”

“Uau, papai”, exclama ele após ler atentamente o verbete na *Enciclopédia Britânica*, “entendi a fórmula. É genial. Mas por quê?”

“Bem, filho, a lei da gravidade expressa a relação entre corpos no espaço.”

“Por que, papai?”

“Bem, percebe, o universo é uma uniformidade de causas naturais, e a lei da gravidade expressa essa uniformidade numa forma matemática.”

“Mas por que o universo é uniforme? O que faz ele ser assim? Na verdade, o que faz ele ser alguma coisa?”

Agora o pai está num ponto crucial. Ele tinha citado uma série de razões, todas conectadas logicamente. Mas agora enfrenta uma pergunta que não pode ser respondida dentro da estrutura de suas respostas anteriores. Em termos filosóficos, seu filho fizera perguntas físicas. Agora fez uma pergunta metafísica: por que existe algo em vez de nada? Em outras palavras, o que são esses animais a perder de vista?

O pai, assim me parece, tem duas maneiras básicas de responder. Pode dizer: “As coisas apenas são assim”. Não há nenhuma outra razão. Existe apenas o próprio ser, uma realidade bruta, um *é* fundacional. Se assumir esta abordagem, ele se colocará ao lado dos naturalistas, que, a exemplo de Carl Sagan, dizem: “O cosmo é tudo que é, que foi, que será”. ^[2]

Mas ele tem uma segunda escolha. Pode citar outro Animal, uma espécie de animal que está além de todos os animais. Pode dizer: “Deus o fez assim”. Neste caso, o pai se coloca ao lado dos teístas; isto é, seu outro Animal é um Criador não natural, até mesmo sobrenatural.

Seu filho, então, poderia perguntar mais uma vez: “Por que, Papai?”. E seu pai estaria novamente sem respostas. A menos que tivesse informação extranatural, precisaria dizer agora o mesmo que o naturalista: “As coisas apenas são assim”. ^[3]

DANDO NOME AO ELEFANTE

Essa estória ilustra duas características primárias de uma cosmovisão. A primeira é o fato que nossos compromissos fundacionais primários são apenas isto — *compromissos*, isto é, pressuposições. São aquelas coisas a que chegamos

quando não podemos mais explicar por que dizemos o que dizemos. A segunda é o caráter da pergunta que o garoto faz. Ele pergunta *o que* é o caso, não como sabemos ou acreditamos que é o caso. E o pai responde na mesma moeda. Quero dizer desde já que para mim o garoto fez a pergunta certa na maneira correta, e o pai igualmente respondeu — como teísta ou naturalista — na maneira correta.

Há outras maneiras de contar a estória, outras maneiras de o pai começar sua série de respostas, mas suas respostas representam um princípio fundacional nas duas cosmovisões mais comuns no mundo do Ocidente e do Oriente Médio: naturalismo e teísmo. Examinaremos outra estória mais tarde. ^[4] Por ora, meu argumento é simples. Na base de todo o nosso pensamento — todas as nossas ruminções sobre Deus, sobre nós mesmos e sobre o mundo à nossa volta — está uma cosmovisão.

QUE É UMA COSMOVISÃO?

Este livro surge de duas circunstâncias primárias. A primeira é a minha própria insatisfação com a forma que eu havia definido cosmovisão na primeira edição de *O Universo ao Lado* em 1976. ^[*] Como a definição está bastante enraizada em minha mente e foi amplamente disseminada aos estudantes durante o último quarto de século, começarei este livro com ela e então levantarei as questões que, para mim, têm parecido mais problemáticas nela. Nos capítulos subsequentes, remeterei a essas questões na esperança de trazer clareza ao conceito de cosmovisão, e concluirei com uma redefinição que irá incorporar as minhas conclusões.

A segunda circunstância é a publicação do livro de David Naugle, *Cosmovisão: A História de um Conceito*, que forneceu uma fonte rica de informação sobre a forma como esse termo e conceito se desenvolveram. Ela evitou a minha própria necessidade de uma extensa pesquisa histórica.

Que é então uma cosmovisão? Essencialmente, cosmovisão é um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica de nosso mundo.

A primeira coisa que cada um de nós reconhece antes de sequer começar a pensar é que algo existe. Em outras palavras, todas as cosmovisões assumem que algo existe em vez de não existir nada. Essa suposição é tão primária que a maioria de nós sequer percebe que a está assumindo. ^[5] Nós a tomamos como

muito óbvia para ser mencionada. É claro que algo existe!

De fato existe. E esta é a questão, simplesmente. Se não reconhecemos isso, não vamos a lugar algum. No entanto, tal como acontece com muitos outros “fatos” simples que nos saltam aos olhos, o significado pode ser tremendo. Neste caso, a apreensão de que algo existe é o início da vida consciente — e de dois ramos da filosofia: metafísica (o estudo do ser) e epistemologia (o estudo do conhecimento).

O que logo descobrimos, no entanto, é que uma vez que reconhecemos que algo existe, não necessariamente reconhecemos *o que* esse algo é. E aqui é onde as cosmovisões começam a divergir. Algumas pessoas assumem (pensando ou não nisso) que a única substância básica que existe é a matéria. Para elas, tudo em última análise é uma coisa só. Outros concordam que tudo em última análise é uma coisa só, mas assumem que essa coisa é um Espírito ou Alma, ou uma substância imaterial dessa natureza.

Mas não devemos nos perder em exemplos. Estamos agora interessados na definição de cosmovisão. Uma cosmovisão é composta de uma série de pressuposições básicas, mais ou menos consistentes entre si, mais ou menos conscientemente defendidas, mais ou menos verdadeiras. Geralmente essas pressuposições não são questionadas por cada um de nós, raramente ou nunca são mencionadas por nossos amigos e só são lembradas quando somos desafiados por um estrangeiro de outro universo ideológico.

SETE PERGUNTAS BÁSICAS

Outra maneira de entender o que é cosmovisão é vê-la como o conjunto de nossas respostas mais simples e essenciais a estas sete perguntas:

1. Qual é a realidade primordial — o realmente real? Ao que poderíamos responder: Deus, os deuses ou o cosmo material.
2. Qual é a natureza da realidade externa, isto é, do mundo à nossa volta? Aqui, nossas respostas apontam se vemos o mundo como criado ou autônomo, como caótico ou ordenado, como matéria ou espírito, se enfatizamos nosso relacionamento pessoal e subjetivo com o mundo ou a sua objetividade à parte de nós.
3. Que é um ser humano? Ao que poderíamos responder: uma máquina altamente complexa, um deus adormecido, uma pessoa feita à imagem de Deus, um “macaco nu”.

4. O que acontece às pessoas quando morrem? Ao que poderíamos responder: extinção pessoal, transformação a um estado mais elevado, ou reencarnação ou partida para uma existência sombria no “outro lado”.
5. Por que é possível conhecer de fato alguma coisa? Exemplos de respostas incluem a ideia de que somos feitos à imagem de um Deus onisciente, ou que essa consciência e racionalidade se desenvolveram sob as contingências da sobrevivência em um longo processo de evolução.
6. Como sabemos o que é certo e o que é errado? Mais uma vez, talvez sejamos feitos à imagem de um Deus cujo caráter é bom; ou certo e errado são determinados apenas pela escolha humana ou por aquilo que nos faz sentir bem; ou as noções simplesmente se desenvolveram num impulso para a sobrevivência física ou cultural.
7. Qual é o significado da história humana? Ao que poderíamos responder: realizar os propósitos de Deus ou dos deuses, construir um paraíso na Terra, preparar um povo para uma vida em comunhão com um Deus amoroso e santo, e assim por diante.

Dentro de várias cosmovisões básicas surgem frequentemente outras perguntas. Por exemplo: Quem está no comando deste mundo — Deus, os seres humanos ou de fato ninguém? Somos seres humanos determinados ou livres? Somos apenas nós os criadores de valores? Deus é realmente bom? Deus é pessoal ou impessoal? Deus existe de fato?

Quando são apresentadas nesse tipo de sequência, essas perguntas deixam as pessoas atônitas. Ou as respostas nos são óbvias e queremos saber por que alguém nos aborreceria com tais perguntas, ou queremos saber como cada uma das perguntas pode ser respondida com alguma certeza. Se achamos que as respostas são óbvias demais para considerar, temos uma cosmovisão, mas não nos damos conta de que muitos outros não compartilham dela. Deveríamos perceber que vivemos num mundo pluralista. O que é óbvio para nós pode ser “uma mentira dos diabos” para o nosso vizinho ao lado. Se não reconhecemos isso, somos certamente ingênuos e provincianos, e temos muito a aprender sobre a vida no mundo de hoje. Alternativamente, se sentirmos que nenhuma das perguntas pode ser respondida sem trapacear ou cometer suicídio intelectual, já adotamos uma espécie de cosmovisão — uma forma de ceticismo que em sua forma mais extrema leva ao niilismo.

O fato é que não podemos deixar de assumir algumas respostas a essas perguntas. Adotaremos uma postura ou outra. Recusar-se a adotar uma cosmovisão explícita se revelará como sendo em si mesmo uma cosmovisão, ou, pelo menos, como uma posição filosófica. Em resumo, não temos saída. Enquanto vivermos, viveremos a vida examinada ou a vida não examinada.

ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS

Ao refletir sobre essa definição, podemos logo ver que uma série de questões importantes não é abordada.

Qual é a história do próprio conceito? Quem o tem usado, como e por quê? O conceito não estaria vinculado às suas origens filosóficas no idealismo alemão a ponto de introduzir no cristianismo ideias que minam a fé cristã? Existe algum fundamento nas Escrituras para o pensamento de cosmovisão? (Isto é tratado no capítulo dois)

Qual é a primeira pergunta que uma cosmovisão deve responder: Qual é a realidade primordial? Ou: Como alguém pode conhecer alguma coisa? Isto é, o que é mais primário — ontologia ou epistemologia? (Isto é tratado no capítulo três)

Como uma cosmovisão é formada? Qual é o caráter dos princípios fundacionais que uma cosmovisão expressa? De onde eles vêm? Eles são teóricos, pré-teóricos, pressuposicionais ou uma combinação dos três? (Isto é tratado no capítulo quatro)

Cosmovisão é primariamente um sistema intelectual, um modo de vida ou uma história? (Isto é tratado no capítulo cinco)

Quais são as dimensões pública e privada das cosmovisões? Qual é a relevância disso para o seu caráter objetivo e subjetivo? Qual é o papel do comportamento na avaliação da natureza da cosmovisão de uma pessoa? (Isto é tratado no capítulo seis)

Se a definição inicial de cosmovisão é inadequada, qual é a definição mais adequada que pode ser dada? (Isto é tratado no capítulo sete)

Que papel pode ter o pensamento de cosmovisão em avaliar a cosmovisão da própria pessoa e a dos outros, especialmente em nosso mundo pluralista? (Isto é tratado no capítulo oito)

2. DEFINIÇÕES DE COSMOVISÃO: DE DILTHEY A NAUGLE

*Toda pessoa carrega em sua cabeça um modelo mental do mundo —
uma representação subjetiva da realidade externa.*

ALVIN TOFFLER

A cosmovisão como conceito tem uma história rica e elaborada. ^[6] O termo é uma tradução do alemão *Weltanschauung* e foi usado pela primeira vez por Immanuel Kant (1724-1804), mas só de passagem. No idealismo e romantismo alemão, foi amplamente usado “para designar um conjunto de crenças que fundamentam e moldam todo pensamento e toda ação humana”. ^[7] Mas Wilhelm Dilthey (1833-1911) é quem primeiro usou o termo como foco principal. Em todo caso, de Kant a Ludwig Wittgenstein (1889-1951) e Francis Schaeffer (1912-1984), o conceito apareceu em vários contextos, tendo sido adaptado ou rejeitado por uma ampla variedade de cosmovisões, do idealismo alemão ao nihilismo e cristianismo calvinista.

Contudo, não é fácil encontrar na literatura definições claras, coerentes e detalhadas do conceito. Como diz o filósofo Sander Griffioen, “O termo é usado em muitas áreas, desde as ciências naturais à filosofia e teologia. Ao usá-lo, os autores muitas vezes o fazem sem uma preocupação com a definição correta, e mesmo quando as definições são dadas, a tendência é estarem longe de ser precisas”. Alguns chegam a “pedir desculpas pela imprecisão do termo”. ^[8] Alguns chegam mesmo a acreditar que a utilidade da palavra está em sua imprecisão.

Em todo caso, até recentemente, a maioria das pessoas aceitaria esta definição imprecisa: *Cosmovisão é a perspectiva fundacional a partir da qual uma pessoa aborda todas as questões da vida.* Essa definição deixa totalmente em aberto questões como, por exemplo, se cosmovisão é uma filosofia abstrata, universal, ou uma visão pessoal, individual; se finalmente há uma ou muitas cosmovisões; se as questões abordadas podem ser compreendidas ou não; se a cosmovisão é pré-teórica ou teórica; se ela é o que você diz que é ou o que você mostra pelo que faz. Estas questões serão retomadas nos capítulos subsequentes.

O conceito de cosmovisão surgiu pela primeira vez no idealismo alemão.

Como tal, carrega desde o início um caráter que os cristãos, ao usarem o conceito, terão de ignorar ou desafiar. Em primeiro lugar, resumirei e revisarei quatro das formas mais proeminentes como as cosmovisões têm sido originalmente entendidas por filósofos seculares. Em seguida, examinarei as definições de alguns poucos e importantes pensadores em cosmovisão cristã. A partir disso, várias observações — quem sabe conclusões — importantes sobre o conceito se tornarão óbvias.

ANÁLISE DE ALGUMAS DEFINIÇÕES SECULARES DE COSMOVISÃO

Wilhelm Dilthey. Embora o termo *cosmovisão* já tivesse sido introduzido no discurso filosófico por Immanuel Kant, Wilhelm Dilthey foi quem primeiro expôs amplamente sua própria filosofia nos termos desse conceito. ^[9] Como diz Michael Ermarth, Dilthey forneceu “um tratamento em ampla escala da gênese, articulação, comparação e desenvolvimento das cosmovisões”. ^[10] O papel básico de uma cosmovisão é “apresentar o relacionamento da mente humana com o enigma do mundo e da vida”. ^[11] Evidentemente, há muitas supostas soluções para o enigma da vida, cada uma com suas próprias raízes em homens e mulheres tal como individualmente vivem e se movem no fluxo da história. Essas soluções mudam com a pessoa e com o tempo.

“A raiz fundacional de qualquer cosmovisão é a própria vida”, afirma Dilthey. ^[12] Mas muito embora cada cosmovisão específica seja moldada pelo caráter e temperamento de cada pessoa, há uma estrutura comum à sua vida psicológica. Certas características são mantidas por todas as pessoas — por exemplo, “a certeza da morte, a crueldade do processo natural, uma transitoriedade em geral”. ^[13] São as inescapáveis realidades vividas, os enigmas da vida, que uma cosmovisão soluciona.

Uma cosmovisão começa como um “quadro cósmico” e, então, de uma complexa inter-relação da consciência humana com o mundo externo, emerge um senso mais sofisticado e detalhado de quem somos e da natureza do que existe à nossa volta. A isso se soma um crescente senso de valores. Na medida em que camadas sobre camadas de consciência vão surgindo, a pessoa finalmente encontra no nível mais elevado “uma ordem mais elevada de nosso comportamento prático — um plano abrangente de vida, um bem mais elevado,

as normas mais elevadas de ação, um ideal de modulação da vida pessoal bem como da sociedade”. ^[14] Naugle fornece um resumo útil:

Assim, para Dilthey, a estrutura metafísica axiológica e moral de uma cosmovisão deriva dos constituintes da psique humana — intelecto, emoção e vontade, respectivamente. As visões macrocósmicas, em sua composição e conteúdo, são intrinsecamente reflexivas da constituição interna dos seres humanos microcósmicos, enquanto eles tentam alumiar a escuridão do cosmo. ^[15]

Fica clara aqui a metafísica pós-kantiana de Dilthey. O que é percebido depende primariamente da mente de quem percebe. Nós não vemos o que existe aí na realidade que nos confronta; antes, compreendemos essa realidade pelas estruturas inerentes a nossa própria mente. Cosmovisão, assim, é a estrutura modeladora do nosso próprio eu autônomo. Vemos o que *nós* vemos. Entendemos o que *nós* entendemos. Embora Dilthey sustentasse que há uma natureza humana em comum e uma realidade em comum, não é menos verdade que a nossa cosmovisão é *nossa*, uma cosmovisão que pode ser mantida em comum com os outros, mas apenas porque são como nós.

A bem da verdade, é claro que nem todas as pessoas são como nós. Como diz Dilthey: “As cosmovisões se desenvolvem sob diferentes condições, ambientes, raças, nacionalidades; são determinadas pela história e através da organização política, nos limites temporais de épocas e eras”. ^[16] Assim, há uma multiplicidade de cosmovisões. Se isso era verdade nos dias de Dilthey, tanto mais é agora.

Naugle conclui: “Em resumo, as cosmovisões brotam da totalidade da existência psicológica humana, intelectualmente na cognição da realidade, afetivamente na valorização da vida e volitivamente no exercício ativo da vontade”. ^[17] A meta de tudo isso é a estabilidade — uma solução para os enigmas da vida que fornece um modo de pensar e agir no mundo de forma bem sucedida.

Usando essa noção de cosmovisão, portanto, Dilthey analisa a história humana e descobre três tipos básicos de cosmovisão: religiosa, poética e metafísica. Ele ainda divide o tipo metafísico em naturalismo, idealismo da liberdade e idealismo objetivo. No fim, a sua confiança inicial que a realidade em geral e a natureza humana em particular apresentam características significativas em comum em grande parte parece ter desaparecido. Embora opte por sua própria forma de idealismo objetivo, Dilthey conclui: “Em última análise, de todos os sistemas metafísicos, nada resta senão a condição da alma e uma cosmovisão”. ^[18] A descrição e a elaboração que ele faz dessas cosmovisões

são ricas e recompensadoras, mas segui-las nos afastaria bastante de nosso propósito central, que é apenas entender o que uma cosmovisão é concebida para ser.

Em resumo, e em minhas próprias palavras, Dilthey concebe cosmovisão como *um conjunto de categorias mentais resultantes da profunda experiência de vida que determinam essencialmente como uma pessoa entende, sente e responde ao que percebe no mundo à sua volta e aos enigmas que ele apresenta.*

Friedrich Nietzsche. Friedrich Nietzsche (1844-1900) é o mais ousado, se não o primeiro, niilista do mundo moderno. Refletindo sobre a história intelectual de seu século, vendo as implicações da erosão da crença vigorosa em um conceito plenamente teísta de Deus — especificamente o Deus de Abraão, Isaque e Jacó e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo —, ele anunciou de modo infame a morte de Deus. Nietzsche agora via a humanidade à deriva num mar infinito sem estrelas fixas pelas quais orientar a sua navegação, sem um porto para servir de lar, sem um propósito na jornada. Ao mesmo tempo, Nietzsche também foi o mais audacioso, se não o primeiro, existencialista, afirmando a centralidade e o poder do eu e da sua serva, a vontade. Ao seu próprio niilismo, ele respondeu com seu conceito de *Übermensch*, o “Super-homem” ou “Árbitro”, o indivíduo poderoso feito para agir como se ele (e era *ele* que Nietzsche queria dizer) fosse Deus — criando os seus próprios valores e os impondo sobre as outras pessoas, o “último homem”, pela força de sua vontade.

Com a morte de Deus, todos os padrões externos para a verdade, o bom e o belo também morreram. Claro, Nietzsche não estava declarando que um Deus literal havia morrido. Nunca houve qualquer tipo de deus. Ele queria dizer que a noção de Deus não funcionava mais na imaginação humana, não tinha mais efeito sobre como as pessoas se comportavam. Elas poderiam dizer que acreditavam em Deus, mas seus pensamentos e suas ações traíam o seu ateísmo funcional.

Para Nietzsche, a história intelectual não é a estória em desenvolvimento de como as pessoas se aproximam cada vez mais da verdade da realidade. Antes, é uma estória de ilusões mutantes.

Que é então a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos — numa palavra, uma soma de relações humanas que foram intensificadas, transpostas e adornadas poética e retoricamente, e que depois de longo uso parecem fixas, canônicas e obrigatórias às pessoas: as verdades são ilusões que foram esquecidas enquanto tais; metáforas que foram gastas e ficaram vazias de sentido; moedas que perderam seu cunho e valem agora apenas como metal, não mais como moedas. [\[19\]](#)

Como resultado, nas palavras de Naugle, “Um total perspectivismo é encontrado no âmago da filosofia de Nietzsche”. [20] Nietzsche via toda cosmovisão como um produto de seu tempo, lugar e cultura: [21]

Nietzsche acredita que cosmovisões são entidades culturais das quais as pessoas numa dada localidade geográfica e num dado contexto histórico dependem, às quais se subordinam e das quais são produtos... Uma *Weltanschauung* fornece essa fronteira necessária e bem definida que estrutura os pensamentos, as crenças e o comportamento das pessoas. Do ponto de vista de seus proponentes, cosmovisão é algo incontestável e fornece o conjunto final de padrões pelos quais as coisas são medidas. Ela fornece o critério para todo pensamento e produz um entendimento básico do verdadeiro, do bom e do belo... Cosmovisões não passam de reificações. São as criações subjetivas de conhecedores humanos em contextos sociais formativos que imputam a sua visão à natureza, a Deus, à lei ou a alguma outra suposta autoridade. Mas esses conhecedores se esquecem de que são os criadores do seu próprio modelo de mundo. A suposta “verdade” de uma cosmovisão é apenas uma convenção estabelecida — o produto de costumes e hábitos linguísticos. [22]

Como tal, a concepção de cosmovisão de Nietzsche não é uma exceção. O que é significativo é a sua insistência radical que todas as cosmovisões são relativas a seu tempo, lugar e circunstância. Em alguns aspectos, o historicismo de Nietzsche não difere daquele descrito por Dilthey, mas em Dilthey se percebe um anseio por estabilidade que é totalmente ausente em Nietzsche, que, ao contrário, toma para si o controle de um trem que, entrando num túnel, jamais virá à luz. Com a vontade de Nietzsche sendo o farol, o trem mergulha cada vez mais fundo em uma inexistência cavernosa. [23]

Ludwig Wittgenstein. Assim como Hegel e Heidegger, Ludwig Wittgenstein é infame por ser misterioso e obscuro. Seus primeiros trabalhos trazem a marca da modernidade — a tentativa de ter os pontos de vista de uma pessoa precisamente alinhados com a realidade. Como uma rejeição radical dessa esperança, seu trabalho pós-moderno posterior se conforma com “uma multiplicidade de retratos do mundo, formas de vida e jogos de linguagem mutuamente exclusivos”. Ele se torna assim “uma figura central na transição para a pós-modernidade, onde a luta das cosmovisões pelo mesmo mundo é substituída por uma variedade de construções linguísticas não competitivas da realidade”. [24] “Ao passo que Platão defendia a ontologia e Descartes apresentava a epistemologia como preocupação primária, Wittgenstein lançava a gramática e a linguagem como princípios reguladores”. [25]

Em resumo, Wittgenstein rejeitava a validade de qualquer cosmovisão como tal, pois toda e qualquer cosmovisão aspira ao que é impossível — uma compreensão intelectual da realidade como ela realmente é. O que temos em vez disso é “uma abordagem para o mundo que consiste em modelos inverificáveis

da vida, da linguagem, da cultura e do significado”. [26]

Encontramos aqui um problema de terminologia. Num sentido importante — um sentido que eu quero manter — todas as pessoas, incluindo Wittgenstein, têm uma cosmovisão. Qualquer rejeição dessa noção é autorrefutável. Seria como dizer “absolutos não existem; tudo é relativo”, uma declaração que, se verdadeira, é falsa; em outras palavras, autorreferencialmente incoerente. Wittgenstein faz claramente declarações sobre a realidade, ainda que a realidade descrita pelas declarações seja somente linguística, ou as declarações devam ser julgadas apenas por sua utilidade em obter o que se deseja. Isto é, as suas declarações sobre a natureza da linguagem não são apenas reivindicações de verdade colocadas não combativamente contra afirmações de verdade opostas, como se uma das afirmações pudesse ser tão verdadeira quanto a outra. Antes, são declarações sobre a natureza real da linguagem. Do contrário elas não afirmariam nada e ninguém as precisaria levar a sério.

Colocando de outra forma, Wittgenstein rejeita a noção de que uma pessoa pode ter conhecimento sobre qualquer realidade não linguística. Em outras palavras, Wittgenstein não tem nenhuma “visão” de ontologia (“o que é”) ou epistemologia (“como alguém pode saber”); tem apenas uma hermenêutica (“como alguém pode entender e usar a linguagem”).

Talvez possamos afirmar a cosmovisão de Wittgenstein (ainda que ele não chamasse isso de cosmovisão) da seguinte forma: *Cosmovisão é um modo de pensar sobre a realidade que rejeita a noção de que uma pessoa pode ter “conhecimento” da realidade objetiva (isto é, conhecer qualquer “verdade” sobre qualquer realidade não linguística) e limita, assim, a realidade cognoscível à linguagem que a pessoa considera útil para obter o que deseja.*

Em vez de cosmovisão (*Weltanschauung*), Wittgenstein prefere falar de “retrato do mundo” (*Weltbild*). Entretanto, tal como usa a expressão, *retrato do mundo* parece sinônimo de *cosmovisão*.

(Fatos de um retrato do mundo) são provas [*doubt-proof*] e servem... como “eixos”, “leitões fluviais”, “andaimos” e “dobradiças” de uma forma particular de pensar e agir. Esses retratos do mundo reificados, criando a realidade à sua maneira, formam para os seus proponentes uma espécie de pseudometáfísica na qual eles vivem, se movem e existem... Os retratos do mundo, nos termos wittgensteinianos... não devem ser concebidos como construções epistemicamente críveis que competem por adesão racional, mas como teias de crenças que devem ser estabelecidas em termos efetivos para serem recebidas como forma de organizar a realidade. Em última análise, tudo o que alguém pode dizer sobre a perspectiva de uma pessoa sobre o mundo é que é isso o que somos, é isso o que entendemos e é isso o que fazemos. [27]

Como quer que se deva entender as visões complicadas de Wittgenstein, está claro que ele rejeitava sua capacidade de nos darem um fundamento claro para o conhecimento do mundo à nossa volta. Construídas da linguagem, elas constroem então a realidade para nós. Vemos o que elas nos permitem ver.

Michel Foucault. Michel Foucault (1926-1984) usa os termos *episteme* e *cosmovisão* às vezes em contraste, às vezes quase como sinônimos. A distinção é provavelmente importante para o entendimento das nuances de sua filosofia, mas lidarei com as observações dele sobre um dos termos para incluir suas visões sobre o outro. Ele escreve: “A episteme pode ser imaginada como algo parecido com uma cosmovisão, uma fatia da história comum a todos os ramos do conhecimento, impondo a cada um destes as mesmas normas e postulados, um estágio geral da razão, certa estrutura de pensamento da qual os homens de uma época particular não podem escapar — um grande corpo de legislação escrita definitivamente por alguma autoridade autônoma”. [28] Uma episteme envolve “um conjunto inescapável de regras e regulamentos, um modo de raciocinar, um padrão de pensamento, um corpo de leis que geram e governam todos os padrões do conhecimento”. [29]

O que faz seu entendimento de cosmovisões merecedor de nossa atenção aqui é a conexão que ele faz entre elas e o poder:

Ele coloca diante de seus leitores uma visão do mundo em que os seres humanos estão aprisionados dentro de estruturas de linguagem e regimes de conhecimento sem nenhuma possibilidade de fuga. Todo discurso humano é um jogo de poder, toda organização social é opressiva e todo ambiente cultural é tirânico. [30]

Foucault não tem tempo para a verdade sobre a realidade objetiva. Há apenas discursos, e cada um deles é um jogo de poder.

A “verdade” deve ser entendida como um sistema de procedimentos ordenados para a produção, regulação, distribuição, circulação e operação de declarações.

A “verdade” está ligada a uma relação circular com sistemas de poder que a produzem e a sustentam e aos efeitos do poder que ela induz e que a ampliam. Um “regime” da verdade. [31]

“Em termos céticos foucaultianos, cosmovisões são meramente construções linguísticas de uma elite de poder. São as fachadas de uma realidade ausente e funcionam como meios eficazes de opressão social”. [32] Ou, em outras palavras, “Cosmovisões são nada mais que pseudointerpretações de uma realidade última revestidas de um poderoso traje linguístico”. [33]

ANÁLISE DE DEFINIÇÕES CRISTÃS DE COSMOVISÃO

Com essas definições como pano de fundo, voltemo-nos agora a alguns pensadores cristãos que consideram o conceito de cosmovisão especialmente valioso: James Orr, Abraham Kuyper, Herman Dooyeweerd, James Olthuis, Al Wolters, Ronald Nash e John Kok. Os *insights* de Brian J. Walsh e Richard J. Middleton serão considerados mais adiante (capítulo 5).

James Orr. James Orr (1844-1913), um teólogo presbiteriano escocês, introduziu pela primeira vez o pensamento de cosmovisão na teologia cristã em suas *Kerr Lectures* de 1890-1891 na Faculdade Presbiteriana Unida em Edimburgo, publicadas como *The Christian View of God and the World [A Visão Cristã de Deus e do Mundo]*. Orr estava bem ciente da origem alemã do conceito e adaptou-o aos seus próprios interesses apologéticos.^[34] Seu principal objetivo era fornecer uma exposição completa, coerente e racionalmente defensável do cristianismo, uma exposição que se sustentasse frente aos desafios intelectuais e culturais de sua época. O conceito de cosmovisão fornecia precisamente a ferramenta de análise e exposição adequada à tarefa. “É a visão cristã das coisas em geral que é atacada, e é por uma exposição e defesa da visão cristã das coisas como um todo que o ataque pode ser travado”.^[35]

Orr passou então a justificar a fé cristã mostrando como essa crença aborda todas as principais questões de interesse para o desenvolvimento humano. “A fé cristã pode ser concebida como um sistema cristocêntrico e autoautenticável de verdade bíblica caracterizado pela integridade interior, coerência racional, probabilidade empírica e poder existencial, e essa é uma de suas contribuições mais distintivas”.^[36]

Sua noção de *cosmovisão* foi tomada do entendimento geral de *Weltanschauung* ou *Weltansicht* prevalecente na época. A saber: cosmovisão é “a visão mais ampla que a mente pode ter das coisas num esforço de compreendê-las como um todo, do ponto de vista de alguma filosofia ou teologia em particular.”^[37] Orr recorre a Edward Caird para uma elaboração: “Debaixo e além de cada detalhe em nossas ideias das coisas, há certo *esprit d’ensemble*, uma concepção geral do mundo exterior e do mundo interior, onde esses detalhes [da experiência] se manifestam.”^[38] Esses detalhes não apenas amadurecem; eles fazem isso coerentemente: “Por toda parte a mente dos homens está se

abrindo à concepção de que o universo, independente do que mais ele seja, é uno — um conjunto de leis sustenta todo o conjunto — uma ordem reina por tudo. Por toda parte, conseqüentemente, vemos um esforço no encalço de um ponto de vista universal — uma disposição e apreensão das coisas conjuntamente em sua unidade”. ^[39]

As cosmovisões têm a sua fonte “na constituição íntima da natureza humana” e envolvem tanto o intelecto como as ações que realizamos. Orr passa então a discutir com alguma profundidade as características peculiares da cosmovisão cristã através de termos teológicos amplos como “Deus”, “seres humanos”, “pecado”, “redenção” e “destino humano”, mas focando do começo ao fim, e particularmente, a encarnação de Deus em Cristo.

As visões de Orr têm sido influentes, ajudando a moldar a forma como a noção de cosmovisão cristã se desenvolveu.

Abraham Kuyper. Outra figura, talvez ainda mais importante, no início do pensamento de cosmovisão cristã é Abraham Kuyper. Kuyper (1837-1920) era contemporâneo de James Orr e familiarizado com o seu trabalho. Em suas palestras [*Stone Foundation Lectures*] na Universidade de Princeton em 1889, publicadas como *Lectures on Calvinism*, Kuyper ampliou a abordagem de Orr, apresentando o cristianismo calvinista como uma cosmovisão abrangente, ou, na terminologia de Kuyper, como um “sistema de vida” abrangente. Toda cosmovisão, sustenta Kuyper, deve tratar de “três relações fundamentais de toda a existência humana: a saber, nossa relação com *Deus*, com o *homem* e com o *mundo*”. ^[40] Kuyper então segue a pormenorizar essas relações:

Quanto à nossa relação *com Deus*: uma comunhão imediata do homem com o Eterno, independentemente do sacerdote ou da igreja. Quanto à relação do homem *com o homem*: o reconhecimento em cada pessoa do valor humano, em virtude da sua criação na similitude do Divino, e, portanto, da igualdade de todos os homens perante Deus e seu magistrado. E quanto à nossa relação *com o mundo*: o reconhecimento de que em todo o mundo a maldição é restringida pela graça, que a vida do mundo deve ser honrada em sua independência, e que precisamos em todos os domínios descobrir os tesouros e desenvolver as potencialidades que foram ocultadas por Deus na natureza e na vida humana. ^[41]

Diferentemente de Orr, no entanto, Kuyper não faz resultar disso uma teologia construída sobre esse conjunto tríplice de relacionamentos. Em vez disso, nas quatro palestras seguintes ele explica como a cosmovisão cristã se relaciona, ilumina e estimula a cultura até o seu pico mais alto de perfeição na religião, política, ciência e arte. Ele conclui com um chamado vibrante para encarar o futuro com uma cosmovisão calvinista firmemente integrada em

nossos pensamentos e em nossa vida.

A filosofia, psicologia, estética, jurisprudência, literatura das ciências sociais e até mesmo as ciências médicas e naturais, todas e cada uma delas, quando filosoficamente concebidas, voltam a princípios, e inevitavelmente até mesmo a questão deve ser colocada com seriedade muito mais penetrante do que tem sido feito até agora, isto é, se os princípios ontológicos e antropológicos que reinam supremos no método atual dessas ciências estão de acordo com os princípios do calvinismo ou estão em discrepância com a própria essência deles. [\[42\]](#)

Um elemento do conceito de cosmovisão de Kuyper é especialmente importante: a sua noção de que toda cosmovisão tem uma concepção única a partir da qual a cosmovisão como um todo flui. O estudioso de Kuyper, Peter S. Heslam, escreve que mesmo antes de dar as *Stone Foundation Lectures*, Kuyper já defendia que há “necessidade de que todo pensamento proceda de um único princípio, um ‘ponto de partida fixo’”. [\[43\]](#) A relevância disto ao presente estudo se tornará evidente mais adiante.

Herman Dooyeweerd. Herman Dooyeweerd (1894-1977) é talvez o mais filosófico dos pensadores de cosmovisão cristã. Ao mesmo tempo, é quem mais insiste que o pensamento teórico não reside na base da cosmovisão da pessoa. Mais fundamental que qualquer cosmovisão capaz de ser delineada por ideias e proposições é a orientação da fé, ou religiosa, do coração. “Para Dooyeweerd, os empreendimentos humanos não decorrem de uma cosmovisão, mas dos compromissos espirituais do coração”. [\[44\]](#)

Só existem dois compromissos básicos, levando a duas condições básicas da vida: “o homem convertido a Deus” e “o homem desviado de Deus.” O compromisso que se faz é “decisivo para toda a vida e pensamento” [\[45\]](#) Do primeiro vem a cosmovisão cristã, não tanto como matéria de pensamento teórico expresso em proposições como um compromisso profundamente enraizado do coração: “Teoria e prática são um produto da vontade, não do intelecto; do coração, não da cabeça”. [\[46\]](#)

Dooyeweerd identifica dois motivos de fundo religioso que “dão conteúdo ao norteador central de toda atitude da vida e do pensamento”. [\[47\]](#)

[O primeiro é] o dinamismo do Espírito Santo. [Isso] traz o homem ao relacionamento de filiação com o Pai Divino. Seu motivo de fundo religioso é aquele da Palavra-Revelação Divina, que é a chave para o entendimento da Escritura Sagrada: o motivo da *criação, queda e redenção por Jesus Cristo na comunhão do Espírito Santo*.

O segundo norteador central é aquele do espírito de apostasia do Deus verdadeiro. [\[48\]](#)

Como Dooyeweerd as entende, cosmovisões não são sistemas

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Dando nome ao elefante: Cosmvisão com..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).